

# A DIALÉTICA ERÍSTICA DE SCHOPENHAUER COMO POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO ÀS *FAKE NEWS*

LUIZ GUILHERME BAKKER DE PINHO E SOUZA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Existem diversos aspectos positivos trazidos pelo advento das redes sociais. Por outro lado, existem também diversos aspectos negativos em torno delas, como se elas exarcebassem certos defeitos humanos. Isso se torna evidente na forma como as notícias falsas se espalham no ambiente virtual, como se não houvesse nenhum critério ou avaliação acerca do conteúdo do que está sendo compartilhado. Embora o cenário pareça desolador, é possível encontrar na Dialética Erística de Arthur Schopenhauer uma forma de enfrentar este problema. Neste artigo, será feita uma breve análise do referido livro schopenhaueriano para, em seguida, mostrar como ela pode ser aplicada na conjuntura atual do cenário virtual da internet, onde as *fake news* se espalham e viralizam tão rapidamente.

**Palavras-chave:** Internet; Dialética Erística; Schopenhauer; Redes Sociais; Fake News.

## Introdução

O advento das redes sociais trouxe uma série de benefícios ao ser humano, desde a possibilidade de conhecer novas pessoas até ferramentas que promovem facilidades para melhorar o trabalho profissional. Em contrapartida, certos aspectos negativos se tornaram não apenas evidentes, como também corriqueiros. Dentre eles, um que chama bastante a atenção é o problema das notícias falsas, também conhecidas como *fake news*.

Nesse sentido, o que mais preocupa não é a facilidade de propagação de uma notícia falsa, mas sim a sua aceitação. Cada vez mais pessoas acreditam nas *fake news* a ponto, inclusive, de utilizá-las como reforço argumentativo em uma discussão quando surge a oportunidade. Esse comportamento é bastante comum quando o assunto discutido abrange temas de natureza política.

Outro grande problema relacionado a esta situação está no agente propagador das notícias falsas, seja um usuário comum, uma página de notícias, ou um veículo de mídia qualquer: este agente, pelo motivo que for, na maioria dos

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela PUC-Rio. E-mail: luizbakker@protonmail.com. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7973245635877221>.

casos não está disposto a desistir de defender a *fake news* que propaga, e vai fazer o que puder para disputar verbalmente, ou mesmo moralmente, com qualquer um que tentar desmentir a informação propagada. Em outras palavras, tentar desmentir notícias falsas geralmente é um desperdício de tempo e de esforço.

No entanto, existem maneiras de combater a desinformação. A forma escolhida, aqui, consiste em utilizar alguns estratagemas da Dialética Erística de Arthur Schopenhauer como possível opção de enfrentamento às *fake news* que tanto assolam as redes sociais.

Schopenhauer escreveu sua Dialética Erística visando apresentar os estratagemas de desonestidade intelectual, utilizados por indivíduos que buscam ‘vencer’ discussões. Será, portanto, que existe alguma relação entre ela e o problema das notícias falsas? Será mesmo que há alguma utilidade para elas no cenário atual? Na estrutura que se segue, será feita uma breve análise da Dialética Erística de Schopenhauer para, em seguida, relacioná-la com o uso de notícias falsas, buscando propor uma forma de enfrentamento que ao menos permita que o indivíduo tenha algumas possibilidades de ação.

## 1. Breve Análise da Dialética Erística

A Dialética Erística<sup>2</sup> de Schopenhauer consiste em um pequeno tratado sobre o comportamento do ser humano em uma discussão: o indivíduo, ao ser contestado, passa a enxergar o interlocutor como um oponente, um adversário a ser derrotado. Conforme a discussão se estende, ele passa a recorrer a diversos estratagemas para ‘derrotar’ aquele que passou a ser seu adversário.

Para Schopenhauer, esse comportamento teria origem na própria maldade que é característica natural do ser humano:

De onde se origina isso? Da maldade natural do gênero humano. Se ela não existisse, se fôssemos inteiramente honestos, em todo debate visariamos apenas a trazer a verdade à luz, sem sequer nos preocuparmos se ela corresponde à opinião apresentada de início por nós ou à alheia: seria indiferente ou, pelo menos, totalmente

---

<sup>2</sup> Lançada no Brasil sob o título *A Arte de ter Razão*.

secundário. (...) O interesse pela verdade, que na maioria dos casos foi o único motivo para sustentar a proposição considerada verdadeira, acaba cedendo totalmente ao interesse da vaidade: o verdadeiro deve parecer falso, e o falso, verdadeiro<sup>3</sup>.

Se não existisse essa maldade, ou seja, se o ser humano fosse inteiramente honesto, os debates consistiriam apenas de buscas pela verdade, qualquer que ela fosse, e a opinião apresentada por cada um dos participantes seria irrelevante no contexto geral. No entanto, essa maldade natural leva o indivíduo a abandonar completamente o seu interesse pela verdade, substituindo-o pelo interesse da vaidade, que o incita a fazer com que o falso pareça verdadeiro, e vice-versa. Para ele, não importa mais se ele está, de fato, correto em suas afirmações. Seu interesse é apenas o de parecer estar correto e fazer com que seu oponente pareça estar errado, mesmo que, para isso, ele necessite recorrer à desonestidade intelectual.

Segundo o filósofo de Danzig, há uma explicação para essa maldade:

O argumento salvador não nos ocorre de imediato. Sendo assim, surge então em nós a máxima de continuar a combater o argumento contrário, mesmo quando ele parece correto e decisivo, na crença de que sua própria exatidão seja apenas aparente e que durante a disputa ainda nos ocorrerá outro argumento para derrubar aquele ou confirmar nossa verdade de outra forma: somos assim quase obrigados – ou pelo menos facilmente induzidos – à desonestidade na disputa. Desse modo, as fraquezas de nosso intelecto e a perversão de nossa vontade apoiam-se mutuamente<sup>4</sup>.

O argumento ideal não ocorre imediatamente durante a discussão. Por causa disso, o indivíduo se vê compelido a continuar defendendo sua proposição original até que ele consiga pensar no contra-argumento perfeito, sempre pressupondo que a afirmação de seu adversário é incorreta, por mais válida que pareça ser. Isso faz com que o indivíduo se veja obrigado, ou ao menos induzido, a agir desonestamente em uma disputa.

É a partir desse pressuposto que o indivíduo recorre ao uso de estratagemas, posto que a fraqueza de seu intelecto o induz à desonestidade. Isso não significa, no entanto, que se trate de um indivíduo incompetente ou idiota, mas sim de

<sup>3</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 3-4.

<sup>4</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 4-5.

alguém falho, mas vaidoso demais para aceitar seus erros, e maldoso demais para debater usando apenas argumentos no lugar de estratégias que servem para desmoralizar seu oponente. Não convém, no entanto, realizar uma análise minuciosa desses estratégias, pois isso levaria a apresentação em uma direção completamente diferente à desejada aqui. É importante ter em mente, principalmente, o motivo que leva o indivíduo a utilizá-los e até onde ele é capaz de ir somente para triunfar em uma disputa.

## 2. Dialética Erística e *Fake News*

Considerando o ambiente virtual das redes sociais, a facilidade de propagação de informações de qualquer natureza, sejam elas falsas ou verdadeiras, permite que elas atinjam uma escala mundial ao serem lidas e compartilhadas por milhares de pessoas em questão de minutos, algo que não é possível em nenhuma outra mídia. Se, por um lado, não é possível impedir tal propagação, por outro lado, há uma forma de utilizar a Dialética Erística de Schopenhauer nesse cenário: basta tratar as notícias falsas como estratégias empregados pelo interlocutor para “vencer”, partindo do pressuposto de que ele está enxergando a discussão como uma disputa em qualquer grau.

Reconhece-se, aqui, que o objetivo original da Dialética Erística era o de identificar estratégias de desonestidade intelectual e neutralizá-los, a fim de evitar discussões desnecessárias. A proposta do presente texto é utilizar o que Schopenhauer visa ensinar em sua obra para identificar estas estratégias na análise de notícias falsas, tomando-as como se fossem argumentos, e, assim, poder analisá-las de forma mais criteriosa, explorando os ensinamentos schopenhauerianos sem desviar-se do objetivo original. Desta forma, ao analisar e ignorar as *fake news*, o indivíduo poderá justamente evitar discussões desnecessárias.

Seguindo esse raciocínio ao analisar notícias falsas, podem-se identificar diversos estratégias da Dialética Erística comumente utilizados nelas. Porém, não convém desperdiçar tempo realizando uma análise detalhada de todos esses

estratagemas, a fim de evitar um desvio da proposta original da apresentação. O que se segue é uma exposição dos mais utilizados.

Um estratagema bastante empregado é o de número 28:

Este estratagema é utilizável principalmente quando eruditos disputam diante de ouvintes leigos. Quando não se dispõe de nenhum *argumentum ad rem*, muito menos de um *ad hominem*, faz-se um *ad auditores*, isto é, uma objeção inválida, cuja inconsistência, porém, só pode ser vislumbrada por alguém versado no assunto: assim é o adversário, mas não os ouvintes<sup>5</sup>.

Trata-se de uma manobra desonesta onde o indivíduo visa influenciar e convencer não seu adversário, mas sim seus ouvintes. O objetivo não é estar certo, mas sim fazer os espectadores acreditarem em sua eventual certeza, aproveitando-se de sua ignorância sobre o assunto em questão. Em outras palavras, o indivíduo busca influenciar os ouvintes e colocá-los a seu favor e contra o adversário.

Por mais que as circunstâncias sejam diferentes, esse estratagema é amplamente utilizado por *fake news* que buscam manipular a opinião pública, em especial no que se refere a assuntos políticos. Um exemplo recente, mas famoso, é o da mamadeira em formato fálico<sup>6</sup>: uma notícia falsa visando atribuir um falso fato a um candidato específico de um partido político específico, com o objetivo de manipular a opinião pública tanto contra o candidato quanto contra o partido.

Segundo Sheila Regiane Franceschini e Luciana Carolina Fernandes de Faria, em seu artigo conjunto intitulado *As Redes Sociais e o Triunfo de Schopenhauer*, publicado em 2019, o próprio algoritmo das redes sociais facilita esta manipulação:

O controle algorítmico fará o papel de selecionar os usuários por grupos de reciprocidade, as chamadas “bolhas”, em que, por meio das buscas por assuntos, itens de consumo ou compartilhamento de ideias, permanecerão em contato uns com os outros, intensificando o poder das mensagens compartilhadas e tornando real ou crível para a maioria, aquilo que não necessariamente seja verdade. Nesse

<sup>5</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 37-38.

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-pt-de-haddad-distribui-mamadeira-erotica-nas-escolas.html>. É importante ressaltar que a notícia em si não pode ser mais encontrada online por conta de decisão judicial, produto de processo movido pelo candidato em questão.

contexto, a notícia ou informação, ainda que inverídica, compartilhada por alguém confiável ganha um papel de destaque e confiabilidade no grupo do qual pertence o usuário, ajudando a consolidar suas convicções, transformando-as em suas verdades, naturalizando o comportamento humano em torno da busca pela razão<sup>7</sup>.

O algoritmo que controla as redes sociais favorece a interação de usuários que busquem assuntos e ideias parecidos, formando o que as autoras denominam “bolhas”, favorecendo, assim, a comunicação entre esses usuários. Dessa forma, a veracidade de uma notícia se torna irrelevante, pois, dentro de tal “bolha”, ela será compartilhada com valor de verdade que serve meramente para reforçar suas convicções e naturalizar o comportamento humano da busca pela razão.

Outro estratagema frequentemente empregado é o de número 30:

*O argumentum ad verecundiam.* Em vez de motivações utilizam-se autoridades segundo os conhecimentos do adversário (...). Eventualmente, ele aceitará a autoridade de pessoas especializadas em alguma ciência, arte ou ofício que ele conheça pouco ou ignore por completo, e mesmo assim com desconfiança. Pessoas comuns, ao contrário, têm profundo respeito por especialistas de qualquer tipo<sup>8</sup>.

Este estratagema é o argumento de autoridade. Para triunfar sobre seu adversário, o indivíduo recorre a autoridades que justificariam ou corroborariam seus argumentos somente por serem autoridades no assunto. Seu adversário, então, aceitará as autoridades evocadas de forma inversamente proporcional a seus conhecimentos, isto é, quanto menos ele souber a respeito daquilo, mais ele aceitará a opinião dos que sabem.

Este estratagema pode ser utilizado de múltiplas formas. O indivíduo pode evocar uma autoridade no tema da discussão, seja ela real ou inventada; ele pode associar seu argumento a uma autoridade que, segundo ele, estaria incontestavelmente certa apenas por ser autoridade no assunto; ele pode tentar se colocar em uma posição absoluta ao clamar ser a autoridade em questão, enfim, as

<sup>7</sup> Franceschini; Faria, *As Redes Sociais e o Triunfo de Schopenhauer*, p. 33.

<sup>8</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 40-41.

possibilidades são diversas. Seja como for, o objetivo é o mesmo: ele tenta impor o seu argumento ao interlocutor e intimidá-lo como um ignorante.

O argumento de autoridade é amplamente utilizado em discussões, e também pode ser encontrado em *fake news*. Casos recentes podem servir como exemplos: tão logo surgiu a epidemia de coronavírus, diversas notícias falsas surgiram simultaneamente, apoiadas por “médicos especializados”, promovendo certos tipos de tratamentos mesmo após estes terem sido comprovados como ineficazes, garantindo que seriam eficientes e que outras formas de prevenção funcionariam<sup>9</sup>, o que foi o bastante para influenciar as pessoas mais leigas<sup>10</sup>.

Mas há um estratagema, dentre todos os que foram apresentados na Dialética Erística, que é possivelmente o mais empregado em notícias falsas:

Em vez de agir sobre o intelecto por meio de fundamentos, deve-se agir sobre a vontade por meio de motivações, e o adversário, bem como os ouvintes, caso tenham o mesmo interesse que ele, são imediatamente conquistados para a nossa opinião, ainda que esta tenha sido tirada do manicômio (...) <sup>11</sup>.

Em vez de tentar persuadir seu adversário utilizando argumentos, o indivíduo age sobre sua vontade, isto é, ele convence seu adversário com base precisamente em seus interesses. A partir deste ponto ele, e possíveis espectadores, aceitarão todo e qualquer argumento utilizado, não importa o quão insano seja esse argumento.

Este estratagema é bastante apropriado para a argumentação aqui trabalhada, pois serve como uma possível explicação tanto para a grande disseminação de *fake news* na internet, em particular durante período eleitoral, quanto para a sua forte aceitação pública. Nos dois casos, trata-se de notícias falsas que dizem exatamente o que o indivíduo quer ouvir. Não obstante, indivíduos que negam a pandemia geralmente apresentam notícias falsas corroborando suas alegações. O mesmo vale para terraplanistas com *fake news* que, segundo eles,

<sup>9</sup> Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/25/mayra-pinheiro-defende-cloroquina-e-diz-que-ministerio-tem-autonomia-em-relacao-a-oms> . Último acesso em 14/08/2022.

<sup>10</sup> Fonte: <https://veja.abril.com.br/mundo/americano-morre-por-se-automedicar-com-cloroquina/> . Último acesso em 14/08/2022.

<sup>11</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 49.

desmentiriam a terra redonda, e assim por diante. Conforme o estratagema apresentado, são as notícias falsas que agem sobre a vontade por meio de motivações, sendo, portanto, aceitas incontestavelmente, mesmo que sejam estapafúrdias.

Este estratagema também corrobora o argumento de Schopenhauer de que o ser humano é naturalmente maldoso. Ora, o indivíduo que propaga uma *fake news* que corrobora exatamente o que ele quer dizer não está buscando informar, mas sim validar as próprias crenças. Esta postura é produto de sua maldade natural, que o faz querer ‘vencer’ qualquer debate sobre o assunto, que, neste caso, ocorre por intermédio da divulgação de uma notícia falsa.

Independentemente do motivo por trás da divulgação e consequente propagação de uma notícia falsa, a forma mais eficiente de combatê-la é, primeiramente, analisá-la, para identificar se ela utiliza algum dos estratagemas da Dialética Erística; em seguida, o ideal é que o indivíduo não se concentre na falsidade da notícia em si, mas sim na reputação da mídia que a divulgou originalmente. Sites de checagem de fatos são muito eficientes nesse aspecto<sup>12</sup>.

Nesse sentido, Schopenhauer oferece uma solução para todos os estratagemas apresentados na Dialética Erística. Embora a refutação para cada estratagema não se aplique para a situação aqui trabalhada, há uma regra que funciona para este caso:

A única regra contrária é segura é aquela que Aristóteles indica nos *Tópicos*: não disputar com o primeiro, com o melhor de todos, mas somente com aqueles que conhecemos e dos quais sabemos que possuem juízo suficiente para não apresentar coisas tão absurdas a ponto de serem expostos à humilhação; (...) que prezem a verdade, gostem de ouvir bons fundamentos, mesmo quando provêm da boca do adversário, e possuam a quantidade necessária de equidade para suportar a perda da razão quando a verdade permanecer do outro lado. Consequentemente, de cem pessoas, talvez haja uma com quem valerá a pena disputar. Aos restantes deixemos que falem o que bem entenderem<sup>13</sup> (...).

<sup>12</sup> Um site muito bom para esse tipo de checagem é o site chamado e-farsas, acessível no endereço <https://www.e-farsas.com/>. Último acesso em 14/08/2022.

<sup>13</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 54-55.



O indivíduo não deve entrar em discussões com qualquer um, somente com aqueles que ele conhece o bastante para saber que seu interlocutor não dirá algum absurdo e que aceitará seu erro, sem querer disputar inutilmente. Em outras palavras, a pessoa deve ser extremamente seletiva e evitar entrar em contendas o tanto quanto puder, sempre ignorando os que buscam a contenda.

Esta solução pode ser aplicada diretamente à situação de propagação de *fake news*: uma vez que a pessoa identifica a notícia como falsa, o ideal é que ela simplesmente a ignore, juntamente com a fonte da informação e com o agente propagador, isto é, a mídia que divulgou a informação e a pessoa que a compartilhou em suas redes sociais, a não ser que se trate de alguém com quem a pessoa tenha intimidade o bastante para que possa ocorrer uma conversa sobre a procedência e o interlocutor aceite entender que se trate de *fake news*.

Ressalte-se, no entanto, que embora Schopenhauer tenha postulado esta “regra”, isto não significa que o indivíduo será capaz de segui-la friamente. De fato, nem sempre ele estará calmo o bastante para ser capaz de simplesmente ignorar uma notícia falsa, da mesma forma como nem sempre conseguirá ignorar uma provocação de um interlocutor maldoso buscando uma discussão. De fato, dado que muitas redes sociais permitem que o usuário possa adicionar seus próprios comentários a uma notícia, o que inclui uma possível provocação, ou mesmo um insulto, seguir a regra passada pelo filósofo de Danzig pode ser um grande desafio.

Com base nisso, pode-se concluir que, considerando a natureza humana, é inevitável que o indivíduo se depare com *fake news*. Estas, porém, seguem alguns padrões que permitem sua identificação. Daí, segue-se que existem duas possibilidades de lidar com situações onde as notícias falsas surgem, sejam como argumentos usados para validar alguma afirmação, sejam em debates sobre sua própria veracidade (ou invalidade): o primeiro modo consiste em refutá-las apropriadamente ao verificar a reputação da mídia que a divulgou; o segundo modo é simplesmente deixar de lado e evitar discussões desnecessárias, uma vez que combater não significa enfrentar diretamente um problema.

## Considerações Finais

É importante ressaltar que, apesar de tudo o que foi apresentado aqui, confrontar diretamente uma informação falsa, bem como a pessoa que a disseminou, dificilmente é a melhor opção. Em sua *Dialética Erística*, Schopenhauer afirma que é ideal disputar “somente com aqueles que conhecemos”<sup>14</sup>, com os que “prezem a verdade”, e com os que “possuam a quantidade necessária de equidade para suportar a perda da razão quando a verdade permanecer do outro lado”. Essa recomendação é plenamente válida para a situação de enfrentamento às *fake news*: só valerá o esforço de desmentir uma notícia falsa se aquele que a divulgou for alguém conhecido, e o indivíduo souber que aquela pessoa aceitará ser contestada e, acima de tudo, saberá reconhecer seu erro. Também é importante ressaltar que, embora os argumentos aqui apresentados se refiram a contextos gerais, de modo algum se busca, na presente estrutura, fazer com que tais generalizações sejam tomadas como regras decisivas.

Este artigo não é o único a considerar a *Dialética Erística* para enfrentar as *fake news*. Franceschini e Faria também consideram o trabalho do filósofo alemão atual e necessário para o mesmo tipo de enfrentamento:

Tais indicações de Schopenhauer, apesar de terem sido cunhadas no começo do século XIX, parece-nos semelhante ao atual fenômeno das interações dos usuários das redes sociais. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir e buscar fundamentos para compreender o comportamento do ser humano nos ambientes virtuais de interação<sup>15</sup>.

As autoras compartilham a mesma visão apresentada neste artigo, a de que a *Dialética Erística* se assimila à maneira como as pessoas estão interagindo no ambiente virtual das redes sociais e, como neste artigo, buscam discutir e buscar fundamentos para compreender como o ser humano se comporta na internet. Por outro lado, não existem muitos trabalhos que falem deste tema específico neste cenário atual, o que é lamentável, dado o problema aqui apresentado.

<sup>14</sup> Schopenhauer, *A Arte de ter Razão*, p. 54.

<sup>15</sup> Franceschini; Faria, *As Redes Sociais e o Triunfo de Schopenhauer*, p. 25.

Deve-se, por fim, levar em consideração o fato de que, por mais que notícias falsas podem utilizar o estratagema 35, elas também podem utilizar outros, da mesma forma que notícias verdadeiras também podem fazer uso dos mesmos estratagemas. As *fake news* também podem não fazer uso de nenhum estratagema e serem excelentes em sua redação. Convém ao leitor possuir pensamento crítico o bastante para saber pesquisar a fonte das notícias. Por outro lado, saber identificar estes estratagemas permitirá que o indivíduo consiga, de antemão, realizar uma análise preliminar do que está lendo e, dessa forma, poder ter uma noção inicial do que se trata.

O último estratagema apresentado aqui, o de número 35, é ainda mais útil se visto tanto como argumento quanto como um alerta: como argumento, ele explica o motivo pelo qual *fake news* são facilmente aceitas, principalmente quando reforçam a opinião daqueles que acreditam nelas; como alerta, por sua vez, ele serve para lembrar que, na grande maioria dos casos, o indivíduo recusará qualquer contestação, mesmo que ela prove efetivamente a falsidade da informação contestada.

O objetivo do presente texto não é o de postular regras de comportamento em situações específicas, principalmente porque não é esse o papel da filosofia. O objetivo é convidar a uma reflexão sobre as *fake news*, bem como propor uma forma de lidar com elas utilizando a Dialética Erística de Schopenhauer como base argumentativa. A disseminação de notícias falsas já se tornou um problema endêmico na internet. Se não houver solução para ele, que haja pelo menos uma opção de prevenção.

## Referências

E-FARSAS. É verdade que o PT de Haddad distribui mamadeira erótica nas escolas? Disponível em: <<https://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-pt-de-haddad-distribui-mamadeira-erotica-nas-escolas.html>>. Último acesso em 12/02/2024.

FRANCESCHINI, Sheila Regiane e FARIA, Luciana Carolina Fernandes de – As Redes Sociais e o Triunfo de Schopenhauer. *Colloquium Socialis*, v. 3, n. 3, pp. 23-34, 2019. Disponível online em: <<https://journal.unoeste.br/index.php/cs/article/download/3331/2849/14514>>

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de ter Razão*. Tradução de Franco Volpi. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Mundo como Vontade e como Representação* – Tomo II. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.